

Cultura & Media



Intriga internacional

Peritos estrangeiros aderem a *outsider* que defende que os Painéis datam de 1445 e representam

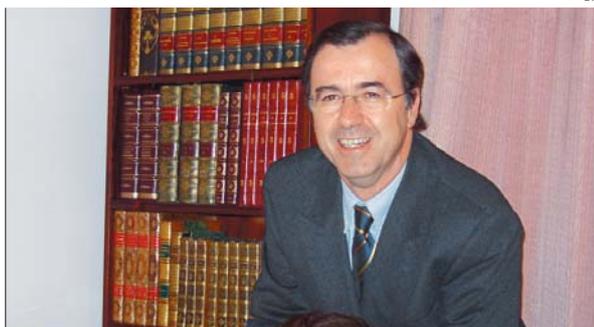
José Cabrita Saraiva

jose.c.saraiva@sol.pt

UM CONJUNTO de cartas de peritos estrangeiros que estão a partir de hoje em www.paineisnunoconcalves.org vem reacender uma velha disputa: quem tem razão na questão dos Painéis de Nuno Gonçalves, obra-prima da pintura portuguesa e ícone nacional?

Os autores destes documentos a que o SOL teve acesso dão razão a um *outsider*: Jorge Almeida, professor universitário de Matemática, doutorado em Filosofia. Em **Os Painéis de Nuno Gonçalves**, livro que assinou em 2001 com Maria Manuela de Albuquerque, sua mãe, recuou a data dos Painéis para 1445 (cerca de 25 anos antes da tese ortodoxa), revelou uma assinatura camuflada e viu no políptico uma cerimónia fúnebre de homenagem ao infante D. Fernando, morto em Fez em 1443.

Desde então, Jorge Almeida não cessou de estudar para fazer valer a sua argumentação, participando em conferências



Jorge Almeida, autor de 'Os Painéis de Nuno Gonçalves'

e debates onde faz intervenções incómodas.

Ajuda externa

Em 2001, o Instituto da Conservação e Restauro encomendava a Peter Klein, da Universidade de Hamburgo, um estudo das tábuas. Klein é o maior especialista mundial em datação a partir das madeiras. As conclusões de Klein dão como «altamente improvável a datação do políptico de Lisboa para os anos de 1460 ou 1470». A data provável, para o perito alemão, ronda 1443, o ano da morte do infante D. Fer-

nando, segundo Jorge Almeida a figura central dos Painéis. A tese tem encontrado maior aceitação no estrangeiro. Em 2006 um número especial da revista *Le Dossier de L'Art* chamava a atenção para os novos dados. Mais recentemente, duas obras de referência sobre História de Portugal editadas pela Cambridge adoptaram a tese sem hesitações.

Jorge Almeida comenta: «Este tema tem uma história carregada, e às vezes quem está mais distante tem um olhar mais desprendido e crítico». Numa das cartas a que o SOL teve acesso, David Bir-

mingham, autor de *A Concise History of Portugal*, nota que «é tempo de os museus incluírem estas novas e fascinantes descobertas em documentação relevante». Noutra carta, Jean-François Labourdette, que escreveu um manual de História de Portugal da popular coleção *Que Sais-Je?*, afirma que Jorge Almeida e a sua mãe «vêm fechar definitivamente o debate sobre três pontos». São eles: a assinatura, a data e a identificação da figura central como o Infante Santo.

Um caldeirão complexo

Quem não adoptou as conclusões de Jorge Almeida foi o Museu Nacional de Arte Antiga (MNA), onde a legenda da obra, lá exposta, continua a apontar a data de 1470. Para o director, o historiador da arte António Filipe Pimentel, «a questão dos Painéis não pode estar fechada, porque em ciência as questões nunca se fecham». Mas o responsável também lança a sua farpa: «As instituições académicas não podem parar a cada opinião mais ou menos fundamenta-

da que aparece. A História da Arte é um caldeirão complexo, não é exactamente para amadores».

O meio académico português também continua a não dar crédito ao professor de Matemática. Vítor Serrão, especialista em pintura portuguesa e professor de História da Arte na Universidade de Lisboa (que curiosamente foi colega de Jorge Almeida no liceu), mantém-se céptico: «Essa teoria não tem fundamento nenhum. Parte de uma leitura errada e rejeita toda a componente laboratorial. Isto não é forma honesta de trabalhar». Em relação à assinatura, porém, Béatrice Fraenkel, autora de investigação sobre rubricas, disse estar «convencida de que foi encontrada uma assinatura nos Painéis».

Já Till-Holger Borchert, do Groeningemuseum, de Bruges, e reputado especialista em pintura flamenga do século XV, recomenda «que se leve a hipótese de Jorge Almeida muito a sério».

Vítor Serrão desvaloriza estas opiniões: «Tenho mais dúvidas do que certezas. Agora,

Das Duas Uma

António-Pedro Vasconcelos escreve sobre o cinema divergente de Godard e Truffaut **Pág. 46**

A bombástica Jane Russel

A amiga morena de Marilyn em 'Os Homens Preferem as Loiras' morreu aos 89 anos. Foi actriz e benemérita **Pág. 47**

Lutas centenárias

Uma vida feita de episódios trágicos e rocambolésicos

OS PANÉIS de São Vicente foram descobertos no início da década de 1880 numa cave do Paço Patriarcal de São Vicente de Fora, em Lisboa, e desde então não pararam de suscitar deslumbramento e perplexidade.

A obra fundadora da pintura portuguesa parece surgir do nada. O enigma deu azo a teorias e controvérsias. Em 1910, o primeiro director do Museu Nacional de Arte Antiga, José de Figueiredo, identificou o autor dos Painéis como Nu-

no Gonçalves e a personagem central como São Vicente. Em 1925, José Saraiva avançava a tese 'fernandina', segundo a qual a figura de vermelho era o infante Santo e não São Vicente. No ano seguinte, a questão dos Painéis resolvia-se à bengalada, numa disputa entre Almada Negreiros e José de Bragança. E em Março de 1929 atingia o paroxismo com o suicídio de Henrique Loureiro, na sequência de um escândalo de falsificação de documentos. Entretanto a tempestade amainou. Hoje continua a haver confrontos, mas apenas no campo das ideias.

J.C.S.

Primitivos portugueses



Uma das salas da exposição e António Filipe Pimentel, director do Museu de Arte Antiga

Exposição passa ao lado da polémica

ATÉ 23 de Abril pode ser visitada no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), em Lisboa, a exposição 'Os Primitivos Portugueses - O Século de Nuno Gonçalves, 1450-1550'. 'Primitivos' é o nome técnico que os especialistas dão aos 'pais fundadores' de uma escola de pintura.

A ideia foi aproveitar as celebrações do centenário da República para evocar duas datas marcantes: a apresentação pública dos Painéis em 1910 após um longo restauro, e a fundação do MNAA nos seus moldes actuais, em 1911 (antes disso, as colecções albergavam peças de arqueologia e de arte moderna).

'Os Primitivos Portugueses' reedita ainda a monumental exposição de 1940. Na altura, por imperativos de ordem ideológica, pretendia-se que a mostra «marcasse de uma vez os foros de cidadania de uma escola de pintura primitiva portuguesa», diz o director do MNAA, António Filipe Pimentel. A actual exposição pretende «despir o tema». «Libertas daquilo que

é espírito, as obras brilham com um fulgor completamente novo».

Apesar de o seu nome surgir no título, Nuno Gonçalves não é a estrela maior da exposição. «Argumentamente, na minha opinião», comenta António Pimentel, «a exposição não se embrulha com a questão dos Painéis. Os Painéis tinham de estar, mas os primitivos portugueses não são Nuno Gonçalves, são os 100 anos para diante».

Já Jorge Almeida considera que «o museu fica em falta ao não tomar em conta estes dados novos numa exposição que assinala o centenário». Mas o caminho seguido foi outro. Na opinião de António Filipe Pimentel, resultou daí uma exposição «com monumentalidade na escala e um discurso científico de inusitado rigor». «As técnicas mais avançadas de reflectografia por infravermelhos permitiram-nos descobrir o desenho que está por trás da pintura. A obra de arte é o documento de si mesma. E nós estamos a fazê-la falar para lá da superfície».

J.C.S.

o Infante Santo

alguns dados já foram adquiridos. Não podemos deitá-los fora. Só num país onde há pouca cultura de debate é que se pode dar crédito a uma teoria que já foi destruída há muito tempo. Houve colóquios em que isso foi desmontado. Ninguém pintava na Europa nem no mundo na década de 1440 daquela maneira. Não há volta a dar».

Mas até no meio académico português há excepções. José Alberto Machado, catedrático de História da Arte da Universidade de Évora, num documentário que se encontra em pós-produção, afirma: «Por uma questão de honestidade científica devemos reconhecer que a data mais provável é meados da década de 1440. Lamento que tenha havido resistência no mundo académico e erudito, que preferiu encostar-se a teorias mais consagradas a enfrentar uma discussão intelectual aberta».

Jorge Almeida vai requerer à Academia Portuguesa da História a constituição de «um comité de sábios, com especialistas estrangeiros e portugueses, para dar um parecer». Se os resultados forem conclusivos «o MNAA terá obrigação de os tornar públicos».

CURTAS

Angola no Chapitô

A cantora angolana Garda actua hoje à noite no Chapitô. O concerto insere-se no programa da I Mostra da Cultura Angolana (que começou no dia 1 e acaba a 8), uma parceria do Chapitô e da Casa de Angola. «Estes eventos são fundamentais para aproximar as culturas dos dois países», disse a presidente da Casa de Angola, Susete Antão. O dia 2 de Março ficou marcado pela comemoração do Dia da Mulher Angolana. Amanhã, Eduardo Paim, um dos mais famosos músicos angolanos em Portugal, actua no Chapitô e na próxima terça-feira, às 15h, a comunidade angolana participará com o Chapitô no desfile de Carnaval de Lisboa.

Um milhão na cultura

As propostas recebidas para aquisição da produtora de cinema Tobis vão ser abertas no dia 9. O anúncio foi feito pela ministra da Cultura, na quarta-feira, no Parlamento. Gabriela Canavilhas confirmou também ir disponibilizar um milhão de euros para as várias estruturas artísticas que foram penalizadas com os recentes cortes de 23%. Esse dinheiro será distribuído em tranches e de forma proporcional aos cortes sofridos.

WikiLeaks: o filme

Steven Spielberg adquiriu os direitos de WikiLeaks: Inside Julian Assange's War on Secrecy, de David Leigh e Luke Harding (jornalistas do britânico Guardian), e de Inside WikiLeaks, livro escrito por Daniel Domscheit-Berg, um antigo colega de Assange. Segundo avança o Guardian, o filme chamar-se-á WikiLeaks: The Movie, e será um thriller semelhante a Os Homens do Presidente, de Alan Pakula, sobre o escândalo Watergate.

Arquitecto cavaleiro

João Luís Carrilho da Graça recebeu ontem as insígnias de Cavaleiro da Ordem das Artes e Letras atribuídas pelo Governo francês. A nota oficial salienta o talento de um dos mais prestigiados arquitectos portugueses.

Novo prémio para '48'

'48', o documentário de Susana Sousa Dias sobre a tortura no Estado Novo, recebeu uma menção especial do júri no Festival Internacional Punto de Vista, em Navarra, em Espanha. O filme, com estreia em Portugal a 31 de Março, conta já com seis prémios em festivais internacionais.